

190
TOMADA DE CENSURA DE EVIDÊNCIAS
DPF
6/12/68
D. P. F.

DR/RS - 3 scripts

M. J. - D. P. F.
SERVIÇO CENSURA DE
DIVERSÕES PÚBLICAS
RECEBIDO NA T.C.T.C.
EM 02-12-1968
Paqueta

IMPRÓPRIO
ATÉ 18 ANOS

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

"... MAS LIVRAI-NOS DO MAL"

JAIRO LIMA

S. B. A. T.

Peça liberada exclusivamente para

Grupo Tabara

e para fins de Censura. Sua apresentação em teatro, rádio, televisão, e outros meios de comunicação, depende do pagamento prévio dos direitos autorais.

P. Alegre, 26 de *M* de 1968

Isaac Hendy

S. B. A. T.

Serviço de Censura de Diversões Públicas
D. P. F.

O S e r t ã o

(ainda com o teatro às escuras, ouvirese-á uma melodia melancólica no violão. Acendem-se as luzes).

HOMEM (só) - Nasci aqui, neste matão rasgado, e aqui me criei, com a Graça de Deus d'uma banda, e a ruindade dês homens/ de outra. Meu nome é João Belarmino do Menino Jesus,/ mas dês que me entendo de gente que me chamam de Joca É Joca prá cá, é Joca prá lá, por que Joca isso, por - que Joca aquilo...

Mas vosmicê num arreparem não, que o povo daqui é assim mesmo: tem uma mania dahada de batizar duas vês o mesmo cristão: se é João, dá Joca; se Antonio é Tõnho as Francisca, Chica; e por aí vai. Idade, não sei, - por que matuto num intera ano: enquanto usa calça curta é menino; quando bota mais corpo o povo diz que já tá um molecote e quando aponta a barba já é home. - (noutro tom) Ah, sim, ía me esquecendo de deizer que/ quando ainda tá nos cuieiros, se não é batizado é pagão, e quando se batiza é anjo. Do tepo de pagão e anjo, num me alembro mais não. Prá mim eu já nasci com/ aquelas calças curtas sungadas na bunda, à correr por esses matos, intruindo pedra em cabeça de passarim. - Quando não, era rasgar a terra dura com um cotôgo de enxada, mode depois aprantá fava, girimum, mandioca.. Num sei se é por que nunca conheci outra, mas au até que gostava dêsse diabo de vida. Nos domingos a gente lavava os pés no riacho que passava por trás da manga e ia pro povoado. No caminho, a danação dos calo começava tudo a doer d'uma vez só, e a gente tinha que tirar o sapato e assistir a missa descalço.

Ah, mas bom mesmo era o Natá!

A gente juntava uns tostaõzinhos durante o ano todo, - mode no Natá cpmprá uma calça e um paletó listrado, e lá se ia correr na "ondia" e nas " Canoas" !

Oh coisa boa, meu Deus do Céu! À noite a gente assistia à novena, e depois ia comer bolo de mandioca e beber capilé na barraca de Sá Bastiana. Depois da novena o povo fazia aquela roda medonha, e ia olhar soltar os balão. Balão, eu só gostava quando pegava fogo. Af, era aquela danação, com as muié correndo feito - doido, com mêdo de quimmar as echarpe de filó ou as saias de algôdãozinho infestado.

IMPRÓPRIO
ATÉ 18 ANOS



2

Pois era: prá mim, balão que subia sem fazer fita, -
era pura besteira: dinheiro estruído. Depois do Natá
toca a trabaíá, trabaíá, feito doído até o outro que
parecia não querer chegar mais...

Mãe, nunca conheci. O povo diz que ela morreu quando
eu tinha aí por volta de um ano, mode uma tá de doen-
ça que deu lá nela.

Aqui, quando um menino perde a mãe, quem toma conta/
dêle é a madrinha de batismo. Mas meu pai achou de -
mê amadrinhar com NSra. da Conceição, que, sem que-
rer faltar com o respeito, nunca me arremediou, não.
Mas eu que fôsse bêsta de falar nessas coisa na -
frente do véi meu pai! Era surra na certa !

Hoje em dia, vou vivendo como Deus quer e o Diabo -
deixa. O véi meu pai já já juntou os pé, e o único -
irmão que eu tinha danou-se prá São Paulo, e eu num/
soube mais dêle. (Neutro tom) Eu preferi ficar por/
aqui mermo. (pausa) Pessoa, a conversa tá muito boa
mas eu tenho que ir chegando. Minha graça é João Be-
larmino do Menino Jesus mas pros amigos eu sou mermo
é Joca... e de profissão sou boiadeiro. Boa Noite!

C A N Ç Ã O 1

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



CANÇÃO Nº 1

EIS O HOMEM

letra de : LUIZ MAIA

música de : TOINHO ALVES

Eis o homem
carne e osso
veio se apresentar
gente boa
boa praça
não há porque
não gostar

Sem jeito
logo nos diz
não pensa muito
na vida
p'ra que pensar
se quem pensa
come da mesma
comida

Melhor mesmo
é esquecer
esquecer
p'ra não lembrar
que quem lembra
vai morrer
quem não lembra
vai findar

E se findando e
ou morrendo
se vai p'ro mesmo
lugar
estendido
ao comprido
quatro pás
de terra em cima
deitado
p'ra não cançar

Mas a vida
vai fazer
das boas
com seu João
esperem que
já vão ver
é só tempo
de acender
as luzes
p'ra começar

a peça que
é história
história que
tem mensagem
mensagem
que se deduz
da vida paixão
e da morte de João
belarmino
do menino Jesus



(violão sola novamente e conclue a melodia. Acendem-se as luzes. A mulher estará em cena, simulando varrer a "sala". Entra o Homem com um saco vazio nas mãos).

MULHER (amargurada) Trouxe^a fava ?

HOMEM (cabisbaixo) Não !

MULHER - Num trouxe???

HOMEM - Bum encontrei... num tinha....

MULHER - Valei-me meu Padim Cirço! (ao homem) E o que é - que nós vai comer, homem de Deus?

HOMEM - O que Deus quizé dá...

MULHER - Com um sol quente destes em riba do mundo, deve tá faltando água até lé em cima (aponta o céu). È por isso que num chove.

HOMEM - Oh mulé bêsta ~~que-tu-é~~ e tu qué bem dizer que mermo Deus querêdo num chove, é ?

MULHER - Sei não, Joca. Mas um dia eu tava maginando: Deus é tão bom, que se êle num manda chuva é mode que deve tá faltando água lá em cima também. Se não êle mandava!

HOMEM - Tem jura, criatura ! Bate nessa boca, danada, se não tu acaba de nos desgraçar com tuas lazeiras. Onde - já se viu ? Credo em Cruz!

MULHER - É êsse aperreio de vida que deixa a gente assim, Joca. A gente espera tanto por uma coisa que nunca - chega, que acaba cansando.

HOMEM - Mas você pode descaçar sem tá bulindo c'os santos, - ou não pôde?

MULHER - Num tô bulindo com ninguém. Mas também o que não posso é ficar agradecida. Quem devia agradecer todos os dias a Deus era os rico, Joca, que tem de quê, e não a gente que não tem nem um buraco adonde cair morto. Mas cadê que rico vai à Igreja? Vai uma missinhapor domingo e olhe lá!... Ágora pobre, não. Todo dia é aquêle mundibeiro dentro da igreja, morrendo de fome e estruindo dinheiro com vela.

Eu também se fôsse os santo nem escutava... magote de gente bêsta!



HOMEM - Cale essa boca, mulé, cala essa boca desgraça! Tu tá achando pouco o azar da gente pro riba - ainda quer desacatar, é? O céu te castiga, mulé...

MULHER - ... tem mais com que não, Joca... tem mais com que não...

HOMEM - (para o alto) Faça caso dela não, meu Deus. - (começa a rezar) Padre nesse que estás no Céu...

MULHER - (à parte até o fim do diálogo) Nós somos que - nem cachorro sem dono...

HOMEM - ... santificado seja o Vosso Nome...

MULHER - Não há um cristão a quem possa apelar...

HOMEM - Venha a nós o Vosso Reino....

MULHER - Ah, se a gente pudesse deixar esta terra miserável...

HOMEM - Seja feita Vossa Vontade...

MULHER - Até quando?, meu Deus, até quando???

HOMEM - Assim na terra como no céu (pausa)

MULHER - Na dispensa só tem barata e rato. Até o pão...

HOMEM - (crescendo) O pão nosso de cada dia...

MULHER - Está pela hora da morte....

HOMEM - Nos dai hoje, perdoai nossas dívidas...

MULHER - O melhor mesmo pé acabar tudo de uma vez.

HOMEM - Assim como nós perdoamos nosos devedores.

MULHER - Nem o canto que a gente mora é da gente, e se a gente não pága até o miado do mês, Coroné toma.

HOMEM - Não nos deixai cair em tentação...

MULHER - Se eu fôsse homem, matava aquela peste...

HOMEM - Mas livrai-nos do mal....

MULHER - (gritando) Matava!!!



6

(Apagam-se as luzes em resistência. Com o palco às escuras, principia-se a ouvir os pregões da feira. A principio suas vozes são baixas, indistintas, Pouco a pouco, tornam-se altas e claras).

- 1º PREGÃO - Olha a farinhade mandioca!
- 2º " - Olha a rapadura docinha.
- 3º " - Olha o feijão mulatinho. O litro é cem!
- (Acendem-se as luzes. Em cena 2 CANTADORES, 2 VENDEDORES e FEIRANTES DIVERSOS).
- 1º CANT - Olha aqui o folhete!
- 2º " - Leva que é barato!
- 1º " - Escolhendo que tem de tudo
- 2º " - Compra homem, menino e muié; só não compra quem não quer!
- 1º " - (oferecendo a uma feirante) Olha aqui cumade "Homem que nasceu pra chifrudo".
- FEIRANTE - (dando de ombros) Me erra...
- 2º CANT - (anunciando) " As treis Mulheres Galheiras" É do bom e num tem besteira!
- 1º " - (idem) " O encontro da Velha que vendia Tabaco com o Matuto que vendia Fumo". Esse é especiá!
- 2º CANT - Bora levá o maior sucesso do momento: " O Lobisomen da Paraíba"
- UMA FEIR - Dê cá êsse (consulta o folhete) (ao 2º Cant) O senhor garante que êsse num tem safadeza, não?
- 2º CANT - Cumade, êsse daí pode ser lido intê dentro da igreja em dia de sexta-feira da Paixão.
- 1º CANT - (anunciando) " O Rapaz que brigou um ano e seis meses dentro de um cabaço"
- 2º CANT - Prestem atenção agora uqe êste é de primeira " O Chôro da Pobreza e a Cãrestia Geral" de Antônio da Mulatinha!
- UM FEIRT - Hôme, tire aí um pezinho mode nós ouvir...
- 2º CANT - Após, lá vai... (canta)
- Peço força ao Criador
Nosso Pai celestial
Prá escrever um folheto
feito do meu ideal
O Sofrimento dos Pobres
E a carestia geral.



(ENTRA O HOMEM)

- 1ª VEND - Olha a farinha de mandioca! O litro é cem! Aqui freguês!
- HOMEM - (AO 1ª VEND) Bom dia, irmão!
- 1ª VEND - Deus que lhe dê...
- HOMEM - Amém. A como tá essa farinha? (PROVA A FARINHA)
- 1ª VEND - É cem o litro, pai véi.
- HOMEM - Cem?
- 2ª CANT - " O rico vê tudo caro
Nem sequer os olhos fecham
Os pobres chegam mais tarde
Uns aos outros se quixam
Comprando caro e ruim
Restos que os ricos deixam"
- 1ª VEND - É o jeito. Isso que tô vendendo, tirei da boca da muié e dos meninos. É mode a passagem.
- HOMEM - O amigo vai viajar?
- 1ª VEND - Prá Capitá, meu irmão, Aquilo é que é terra de gente...
- 1ª CANT - " Eu desde muito pequeno
que ouvia o pessoal
Dizer que São Saruê
Era um país colossál
Onde se gozava a vida
E não havia outro igual
- ~~1ª VEND~~ HOMEM - É...
- 1ª VEND - O sinhô num vai também, não?
- HOMEM - Sei não. Aquilo é tão longe...
- 1ª CANT - " Um dia me destinei
A conhecer o lugar
Na carruagem do vento
Eu pude, então, viajar,
fui olhar São Saruê
Prá poder saber contar"
- HOMEM - ...fim de mundo ... Além do mais, tenho muié e filha fia prá andá com elas duma banda.
- 2ª CANT - " Orice arranja uma môça
Gorda que só um xuxu
O pobre arranja uma negra
Da canela de urubú"
- 1ª VEND - E praquê num deixa elas mode vim buscar adipois?

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



HOMEM - Sé se fôr p'as pobrezinhas morrerem de fome...

1º VEND - A meninã já é taluda ?

HOMEM - Tá se pondo môça.

1º VEND - Então leva elã também, meu cumpade. Já pode ajudar.

HOMEM - Que nada! Ela ainda tá muito bestinha...

1º VEND - TEM nada não, disarna logo.

HOMEM - É. Pode ser... té mais, cumpade!

1º VEND - Té mais!

(LUZ SÔBRE O CEGO, NO CENTRO DA CENA)

CEGO - " Meu irmão que vai passando
Fio da Virgem Maria
Favoreça o pobre cego
que não vê a luz do dia"

HOMEM - Tem agora não...

CEGO - " Se tiver não begue não
Fio da Virgem maria
Se eu tivesse a minha vista
Trabalava, não pedia"

2º VEND - Olhe o fumo de rolo! Quer comprar, cumpade?

HOMEM - Quanto custa?

2º VEND - É trinta mirreis a talada...

HOMEM - Um trinta eu não dou, faz sessenta...

2º VEND - Hôme, você é que tá certo. Feira ficou prá pobre vender
o que tem e o rico encher o buxo.

HOMEM - E depois não? !!! O legumezinho que se tem prá comer
se vende mode comprar roupa, que ninguém haverá de andar
nu. Ai, sobe o preço da roupa e, ói, nem mel nem cabaça...

2º VEND - Depois é... Mas Deus sabe o que faz. Diz que êle deixou
sofrimento no mundo, mode purgar os pecados da gente.

HOMEM - Pois cumpade, se êsse tal purgante fôsse prá lombriga,
eu já tinha enjeitado até a tripa gaiteira... (NOUTRO
TOM) Deus que me perdoe!

2º VEND - E cumade Zefa, que é que diz do mundo?

HOMEM - Aquela? (PAUSA BREVE) O cumpade já assistiu a capação
d'um porco? (PAUSA) Pois dê pru visto Zefa, quando chego
em casa com as mãos abanadô. Mas que é que eu haverá de
fazer? pru caridade? Ano passado, arrendei uns terrenos
a Severino Macambira, que era areia e pedra, só.
Pois bem: lutei feito doido alimpando o mato, fazendo a
coivara, mode semear umas cuiasinhas de milho. Acabá,
quando o milho já táva bohecando, o sujeiro veio com uma
conversa que eu oupagava os atrazados ou entregava a ter
ra.



- 2ª VEND - E tu?
- HOMEM - Num paguei os atrasados, não...
- 2ª VEND - E onde é que tá morando agora?
- HOMEM - Nas terras do Coroné Chico Bento
- 2ª VEND - E tá mió de vida?
- HOMEM - A merma merda. Basta dizer qe faz três meses que ando socada no ôco do mundo, mode num encontrá com êle
(PAUSA) Do jeito que vai, termino vendendo os pissufidos e ganhando o mundo.
- 2ª VEND - Cumpade, formiga quando quer se perder, cria asa...
Bon!!!
- HOMEM - Mas, creatura de Deus, ficando aqui só se pode dá prá duas coisas: se fôr homem, vai ser srdado e se fôr - mulié fême vai ser-rapariga...(PAUSA BREVE) Tá como é...
- 1ª PEIRT - (AO 1ª CANT) Seu Gerome, tire uns versinhos aí pro Zequinha respostá!
- OUTRO - Pessoa, bora ouvir o desafio!
- 1ª CANT - (AO 2ª CANTADOR) Como é, aguenta o tombo, meu irmão?
- 2ª CANT - Hôme, você vem de lá e eu vou de cá e depois nós se acerta.
- 1ª CANT - Apois, lá vai!
- PEIRANTS - Gostei de ver!
Boa!
Fglou bonito!
- 1ª PEIRT - Mas vamo acaba com o mundicêro, ou num hai cantoria!...
- OUTRO - Apoiada! Tempera a guela, mei irmão!
- 1ª CANT - " Eu sou José Gerome
Morador lá das Gangorras.
Se me vires não te assustes
Se te assustares não corras
Se correres não te assombres
Se te assombrares não morras."
- (RISOS E APUPOS ENTRE OS AOUVINTES, QUE SE REPETIRÃO A CADA "TIRADA")
- 2ª CANT - "Gerome se tu soubesses
Em que precipício vinhas
Te nunca ouvisses falar
Na fama do tal Zequinha".



- 1º CANT - "Você diz que é cantadô...
 Cantadô não é assim...
 Se é qué vê como se canta
 Carregue em riba de mim,
 Vá fazer carte ao diabo
 Veja que não sou sonhim"
- 2º CANT - "Cabra que canta comigo
 Lava a boca com sabão,
 Se não lavar bem lavada
 Comigo não canta não..."
- 1º CANT - Eu, como já tou cum raiva
 Te rogo uma praga ruim:
 Deus permita que te nasça
 Bouba, sarampo e lubim
 Procotó, bicho de pé
 Inchaço e moléstia ruim
- 2º CANT - Vou fazer-lhe uma pergunta
 Prá você me distrinchá
 Quero que me diga a conta
 Dos peixe que tem no mar
- 1º CANT - Você vá cercar o mar
 Com moeda de vintém
 que eu então lhe digo a conta
 Dos peixes que nêle tem...
 Se você nunca cercar
 Nunca eu lhe digo também!
- 2º CANT - Se você é cantador
 Se você sabe cantar
 Me arrêsponda num repente
 Se pedra fulorará
- 1º CANT - Se pedra fulorará
 Eu lhe digo num repente
 Ao ádispois de Deus querer
 Fulora e bota semente.
 Eu já tô é me enjoando
 Dessas perguntas bestardas
 Agora vou fazer uma
 E quero ela respostada
 Qual foi a foia do mundo
 Que Deus deixou sem beirada.



- 2º CANT - Meu cumpanheiro Gerome
 Não duvido de ninguém
 Mas foia sem ter beirada
 Eu juro cumu não tem.
- 1º CANT - Meu companheiro Zequinha
 O senhor não canta bem
 Pergunte a quem adivinha-
 Que eu não pergunto a ninguém
 Veja a foia da cebola
 Que nem beirada tem.
- 2º CANT - Tu qué que eu faça contigo
 O que fiz com Malaquias
 Torei-lhe as duas orelhas
 E pendurei numa forquilha
 Fiz êle se mijar todo
 Sem acertar com a braguia.

(ENTRA O CORONEL)

- 1º CANT - (À ENTRADA DO CORONEL)
 "Estou vendo o Coroné
 Que conquistou o sertão
 Vêio fino e educado
 Cheio de bom coração.

(TODOS APLAUDEM E CUMPRIMENTAM O CORONEL)

- 2º VEND - Joca, oia quentá aí.
- CORONEL - (AVISTANDO O HOMEM) ah, seu João, como vai o senhor?
- HOMEM - (TÍMIDO) Vô bem, meu patrão.
- CORONEL - E dona Josefa, como vai?
- HOMEM - Ah, dona Josefa vai muito bem, sim senhor.
- CORONEL - E a menina?
- HOMEM - Quinhêinha? Vai inté mió do que nós dois...

(FEIRANTES COMEÇAS A CERCAR O GRUPO FORMADO POR HOMEM, CORONEL E 2º VENDEADOR).

- CORONEL - Ótimo! É uma alegria saber que vão todos tão bem.
- HOMEM - Com a graça de Deus...
- CORONEL - Só tenho estranhado o senhor não ter mais aparecido lá em casa. O Senhor era tão assíduo...
- HOMEM - É que andei meio desunerado dos intestinos e fiquei um tempão sem poder sair de casa.
- CORONEL - Que pena! Então o senhor está adoentado há três mes es, hem?
- HOMEM - (AMEDRONTADO) É... mais... ou menos, né ???
- CORONEL - E já ficou bem mesmo? (DÁ-LHE PEQUENA TAPA NO ESTÔMAGO)
- HOMEM - (RISO FORÇADO) Ainda dói, seu coroné...
- CORONEL - (BRINCALHÃO) Tá ficando mu'fino, cabra?



- HOMEM - Tô dizendo a verdade, meu patrão.
- CORONEL - Pois a mim o senhor me parece perfeitamente são, Está robusto e corado que só menino de peito, não acham?
- FEIRANT - (ASSENTEM, RINDO SERVILMENTE)
- HOMEM - (MEIO ACOVARDADO) Tô nada, Coroné...
- CORONEL - (DOMINANDO A CENA) Mais fraco que você eu já vi no cinto, dando duro. Homem que tem responsabilidade, não ficou prá estar em casa, não.
- HOMEM - Mas eu tô trabalhando no roçado, Coroné...
- CORONEL - Ainda bem! E neste caso, suponho que o senhor já pretenda pagar os três meses de fôro que me deve.
- HOMEM - Mas com quê, seu Coroné?
- CORONEL - Oi? O senhor não disse que estava trabalhando?
- HOMEM - Trabalhando eu estou, a terra é que não ajuda....
- CORONEL - Ah, quer dizer que a culpada é a terra, hem? (AOS FEIRANTES) Vejam vocês: (AINDA MEIO BRINCALHÃO) Fica em casa, na sombra e na água fresca, e que que a terra produza. Assim, não é possível, seu João.
- HOMEM - Mas eu tô trabalhando sim, Coroné. Eu num disse ao senhor que tava vadiando, não.
- CORONEL - (MAIS SÉRIO) E homem é prá isso mesmo: trabalhar se quiser comer. (DEMAGÓGICO) Se eu fôsse ficar em casa descansando, como o senhor quer, estaria em peior situação que a sua. Homem é para o trabalho, tá ouvindo?
- HOMEM - (MAIS FORTE) Homem é prá trabalhá, mas homem é prá viver também, Coroné. Até os bichos brutos tem que comer mode viverem.
- CORONEL - Porque não são vadias.
- HOMEM - (CAUTELOSAMENTE) Seu Coroné, não fica bem para o senhor tá me chamando pelo que eu não sou, não. Me respeite como eu lhe respeito.
- CORONEL - (MÁS RÍSPIDO) Está me ameaçando?
- HOMEM - Não estou ameaçando ninguém.
- 2º VEND - Cala a boca, Joca, por caridade!
- CORONEL - (AOS FEIRANTES) Vocês ouviram o que êle disse comigo, não ouviram?
- (TODOS ASSENTEM AMEDRONTADOS)
- CORONEL - Vocês não ouviram quando êle me ameaçou?
- FEIRANT - Ouvimos, seu Coroné.
- HOMEM - (AOS FEIRANTES) Vocês são uns frouxos. Num falam porque tão com medo.



- CORONEL - Dobre a língua, cabra! Quase todos que estão aqui já foram beneficiados por mim. Ou moram em minhas terras ou trabalham em minhas propriedades. Agora pergunto: (AMEAÇADOR) Eu já ameacei algum de vocês, por acaso?
- FEIRAN - (AMEDRONTADOS) Não senhor.
- O senhor é um patrão muito bom;
- Nós gostamos de trabalhar pro senhor.
- CORONEL - (PARA O HOMEM) Está ouvindo? Seus próprios companheiros são os primeiros a reconhecerem que o senhor é um exaltado e que lhe estou exigindo apenas o meu direito. O que é que o senhor diz a isto?
- HOMEM - Eu sei porque eles não falam. Não falam, por que eu, aquele outro, todos nós pertencemos aos senhor como suas vacas e seus cavalos. O senhor não está ajudando a gente, não, nós é que lhe estamos sustentando.
- CORONEL - (APOPLÉTICO) Cala a boca, filho duma égua ou acabo já você e sua raça. (PAZ MENCÃO DE AVANÇAR)
- FEIRAN - (DETENDO-O) Tenha não, Coronel!
- Nem vale a pena bater num coisa desses.
- Deixa que nós acertamos com ele.
- CORONEL - (CONTENDO-SE) É melhor mesmo. Nem dá gosto de bater numa desgraça destas. (PARA O HOMEM) Mas escute bem o que estou lhe dizendo: O senhor tem oito dias, contados a partir de hoje, para pagar os três meses de fôro atrasados que me deve. Se no próximo sábado eu não estiver com o dinheiro aqui neste bolso, vamos ter uma conversinha com o delegado, tá me entendendo? (AOS OUTROS) E vocês, que é que estão fazendo com essa cara comprida pro meu lado? Continuem com o que estavam fazendo, que aqui não morreu galêgo, não. (AO 2º CANTADOR) Bora, tira um verso aí, rapaz.
- 2º CANT - (CONTRAFEITO) Mas, Coronel...
- CORONEL - (DEMAGÓGICO) Bora rapaz, deixa disso... Tira um verso aí, vai. (COLOCA UMA MOEDA EM SUA MÃO) (AOS OUTROS) Vocês, até mais ver!
- (SAI O CORONEL. A CENA PERMANECE MUDA UM INSTANTE. TODOS ESTÃO ENVERGONHADOS E SE APROXIMAM DO HOMEM, SEM NADA LHE DIZEREM).
- CANT - (SOPELANDO A MOEDA SIGNIFICATIVAMENTE, COMEÇA A CANTAR BAIXINHO). " O pobre vem ao mundo
Sòmente prá sofrer
O direito que êle tem
É trabalhar sem comer
Viver sujeito ao rico
Pagar imposto e morrer?

1º CANT - (EM CRESCENDO)

" Perto de São Saruê
 Eu vi um rio de nadô
 Uma môça nuam canoa
 Me avisou com cuidado
 Que a terra São Saruê
 Ficava do outro lado"

"Lá tem rio de cerveja
 Cacinba de café quente
 Açude de leite cozido
 Que o cheiro logo se sente
 Prá quem gosta de bicada
 Tem cacimba de aguardente"

(FEIRA VAI POUCO A POUCO RESTORNANDO A ANIMAÇÃO ANTERIOR)

"Tem rio de mel de abelha
 Rio de leite e de chá
 As barreiras dos rios são
 De cuscús e mungazá
 Tem açude de coca-cola
 E cacimba de guaraná.
 Cana em São S^aruê
 Não precisa descascar-
 Já é feita de açúcar
 Não dá trabalho a chupar
 É mais doce que mel
 E nasce sem se plantar

Milho em São S^aruê
 Não bota nenhuma espiga
 Já bota paninha feita
 Tem tantas que ninguém liga
 É só tirar e comer
 Até encher a barriga

- Já vou findar neste verso
 Com a narração, porque
 Os que não acreditar
- Saia correndo e vá ver
 Tome o transporte do vento
 Até em São Saruê.



2º VEND - (A UM CANTO, COM O HOMEM) E agora, cumpade, que é que tu vai fazer?

HOMEM - (SOERGUENDO-SE) Cansei de ser cativo. Agora, dane-se tudo, mas eu ~~vou~~ VOU EMBORA!

(CORTE NA LUZ. OUVEM-SE OS PREGÕES)

- Olha o feijão mulatinho
- Olha e girimum. É vinte mirréis a talada!
- Tem balaio prá carregá?
- Tem feira prá levá?
- Olhe o laranja-cravo docinha!
- Olha a essência de cheiro, cumade.

(AS VOZES VÃO GRADATIVAMENTE BAIXANDO. O VIOLÃO PRINCIPIA A SOLAR " ACAUÃ". ACENDEM-SE AS LUZES PARA O

2º QUADRO



2º QUADRO

HOMEM - (ENTRANDO) Zefa! Oh, Zefa!

MULHER - (DE FORA) Já vai...

HOMEM - (IMPACIENTE) Zefa!!!

MULHER - (CHEGANDO) Aqui eu.

HOMEM - Que diabo tu tava fazendo que num chegava mais?

MULHER - Tava caçando um ôi d'água, mode vê se dava ao menes pr'a encher o pote. Que é que tu qué?

HOMEM - Vai arrumar os terém que n-ôs tamog de saída.

MULHER - De saída? Saída prá onde?

HOMEM - De saída, num daabe o que é saída, não? vamo imhora!

MULHER - Imhora? E tu tá doido? Como é que a genta havéra de ir imhora sem tê cum quê nem prá onde?

HOMEM - Tem um caminhão na feirã, que tá de partida amanhã cedinho, e o motorista disse que leva nós.

MULHER - E como é que nós hai de pagar o "ingresso". Só se fôr cum carêta no cutro mundo...

HOMEM - O homem disse que num precisava pagar nada agora. Quando e gente chegar lá e começar a trabaia, aí paga.

MULHER - E tu pensa que é só chegar lá que arruma trabaio, é? Se fôsse assim não havia mais pobre nesse meio de mundo!

HOMEM - Possa ser, mas lá deve ser muito mais fácil do que aqui.

MULHER - Sei lá! É melhor a gente se aqueitá no canto da gente. Aqui pelo menos se a gente morre, encontra um cristão que enterra, e lá, onde caiu, alí fica. Virando carniça prós urubú comer.

HOMEM - Bita bôca de praga da moléstia dos cachorro! É por isso que a gente só dá prá trás, que nem caranguejo. Cum agôro dêsses!

MULHER - Pois não é agôro não...

HOMEM - E como foi que Neco N de Bastiana foi pró sul, e hoje té bem de vida e ainda manda dânhairo prá véia mãe dêle?

MULHER - Mas isso é Neco de Bastiana, e o que acontece ao Neco de Bastiana, nem sempre assucedo ao Joca de Zefinha. Mas vá lá! Se tu botou na cabeça que tem que ir; bora, que por eu...

HOMEM - Isso é o que eu quero ouvir. Olha, arruma e trouxa, que eu vou ao povoado falar mais ao motorista. E chama Quinhinha também, manda ela se aprontá. E dêxa dessa gara de veloro que aqui não tem nenhum defunto morto, não.

- Quando eu começá a trabalhá, o primeiro dinheiro que pegá vai ser prá comprá um morim mode tu fazer uns/ vestido. E vou botar Quinhinha na escola, vou sim. Ela vai ter que disarnar, não vai ser burra que nem o pai - dela não, que só sabe cortar mato e fazer coivara. Quinhinha vai ser professôra, Zefa, professôra!!! - Tudo vai mudar prá gente, tudo.

MULHER - (CÉTICA) Possa ser... Mas toma tento que o pior - pode assuceder. Essa estória de chegá lá só arrumá/ logo trabalho prá mim é conversa fiada. Ninguém da - peito a menino barbado não, Joca.

HOMEM - Zefa, nós tem que ir embora de qualquer jeito. Eu - não queria te contá não, mode num te aperriá, nós - tá cum três mês que eu num pago o fôro da terra, e/ o patrão dissê que se eu num pagá até o fim do mês/ que entra, êle me bota na cadeia.

MULHER - Na cadeia, Joca? E tu matô alguém, tu robô alguma - alguma coisa?

HOMEM - Deus tá lá em riba, sabe que eu nunca fui home prá/ essas coisas muié!

MULHER - E como êle tã qué te botá na cadeia, Joca?
(CRESCENDO) Cadeia que eu conheço é mode prender - os ladrão que véve roubando os outros, e não prá um homem de bem que teve a desgraça de ser pobre e de nascer nessa terra amardiçada!

HOMEM - Êle que se metesse a bêsta de querer fazê uma coisa dessa cum o fio do véi meu pai, que eu hãvera de...

MULHER - De nada, Joca, de nada, que é isso mesmo que êles - querem. Deixam um home doído de juizo, mode êle fazer uma malinação, e aí montam na curcunda dêle. - (PAUSA) O que mes admira é o céu vê uma coisa dessa e consintí.. Parece que a ruindade dos Hôme pegou - nos santo que nem constipação! E quando um hôme é - desprezado por Deus e pelos hôme, não tem outra sai da - é fugir que nem um bicho acuado... Mas um dia/ Deus há de olhar pros pobres, Joca. (PUSA) (EXPLO- DE) Nem que seja mode dispois virá a cara cum vergo nha!!! (SICA) Vamo, Joca!

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

C A N Ç Ã O 2



CORAL (AS VOZES VÃO GRADATIVAMENTE BAIXANDO ATÉ EMUDECEREM APAGEM-SE AS LUZES).

18

CANÇÃO Nº 2

VÃO DE CAMINHÃO

Letra de : LUIZ MAIA

Música de: TELMO ALVES

Vão de caminhão
vão amontoados
gado
que vai
p'ra matança
vão de caminhão
e balança
ritmado
levam longe
a lembrança

Vão de caminhão
a poeira
os iguala
numa cõr igual
de chumbo
vão de caminhão
e se arriscam
ainda
à esperança
no mundo

Vão de caminhão
e o calor
do dia
arde no peito
queimado
vão de caminhão
e o frio
da noite
doi nos ossos
gelado

Vão de caminhão
e os filhos
seguram
na viagem
da vida
vão de caminhão
e a vida
dá voltas
ficou longe

Vão de caminhão
outra coisa
queriam
algum dia
sonharam
vão de caminhão
na paisagem
que passa
os seus sonhos
ficaram

A cidade se aproxima
é descer do caminhão
o trem que os leva agora
não leva tanta ilusão

Vão deixando seus pertences
vão gastando a provisão
levam a roupa do corpo
dessa têm precisão

Mas até a filha lhes fica
pelos caminhos andado
longos caminhos sofridos
longos tormentos passados

Tão longos que o sofrimento
medem em léguas galgadas
em jornadas de lamento
de sofridas caminhadas.



1

2ª PARTE

C A N Ç Ã O N.º 3

1.º QUADRO

- HOMEM - Ainda tem algum "de comê"?
- MULHER - Tem nada. Perdemos tudo na viagem. Até Quinhinha...
- HOMEM - (CORTANTE) Num me fale mais naquela... (NOUTRO TOM) motorista safado. (PAUSA) Tô cum as tripas roncando de fome.
- MULHER - Que nem eu...
- HOMEM - Tem nada não. Também a gente chegou hoje. Amanhã já vai miorá tudo.
- MULHER - Tomara! Só não me acostumo é cum essa danação daqui. Crede! No mato a gente faz uma légua inteirinha sem ver focinho de gente, e aqui o povo véve esbarrando uns nos outros.
- HOMEM - Num é...! E as casa é tudo atrepada uma nas outras. Vôte!
- MULHER - Sêi não. Acho que eu morro de véia e num me acostumo cum essa zunzeira...
- HOMEM - Besteira! Num dô dois mês prá tu tá tão pracieta - quanto qualquer uma dessas...
- MULHER - Que hávéra de dázer a finada minha mãe, se visse - uma coisa dessa! Sempre ouvi ela dizer que o julgamento do fim do mundo hávéra de ser no Joazeiro do meu Padim Cirço, mas basta a mefade do pessoal aqui prá encher aquilo tudo, de ficar gente pendurado no ói dos pés do pau.



- HOMEM - E há de ser lá mesmo. Tu ainda te desgraça com essa tua mania de duvidar dos santos. Se meu Padim Cirgo disse que vai ser lá, vai ser lá mesmo...
- MULHER - Mas como é que pode, criatura?
- HOMEM - Aí, eu num sei, não, porque num sô profeta nem santo prá anda espiculando pr'essas coisa, mas que vai ser lá, - vai!
- MULHER - (BAIXO) Só quero ver...
- HOMEM - Que é que tu tás resmungando aí?
- MULHER - ... nada....
- HOMEM - Tu só não acredita no que é de acreditá, mas quando o - fio da Manuel Rumano vortou do colégio, com a cabeça chã ia daquelas doidices que êles aprendem por lá, tu tirava o dia inteiro sentada num canto mais êle, conversando miôlo de pote.
- MULHER - Miôlo-de-pote... Era coisa séria mesmo, coisa que só en teñde de doutô prá riba...
- HOMEM - Conversa! Quem táva certo era o Coroné Bonifago. Pois - não é que um dia o molecote teve o que fazê e foi cunversar cum o Coroné mode umas estóra que o mundo rodava, e não sei mais o que,... O Coroné nem esperou que êle fin-dasse: botou-lo de casa prá fora e disse que êle nunca - mais voltasse lá; e que esse negócio que o mundo roda e é redondo, é invençãod dos comunista!
- MULHER - Foi mesmo?
- HOMEM - E apois não... E tu qué bem dizê que aquêle molecote, fe dendo ainda a cuieiro mijado, sãbe mais do que o Coroné?
- MULHER - Ai, Meu Deus?
- HOMEM - Que foi que te deu agora?
- MULHER - Não é nada não. Mas cum a fome que eu tô, num tenho mais nem sustança mode conversá.
- HOMEM - Então bota os ói prá murchar, ôi...
- MULHER - E tu também num vai drumi, não?
- HOMEM - Vô, que é mode amanhã de manhã ir caçando trabalho.
- MULHER - Será que tu arruaa mesmo, Joca?
- HOMEM - Se Deus Permitir. Numa cidade desse tamanho num é possí-vel que um cristão não encontre em que trabalhá...
- MULHER - Deus te ouça, Deus te ouça...

(ADORMEÇEM. BAIXAM AS LUZES. POCO INCIDENTE SÔBRE O 1º EMPREGADOR)

- HOMEM - (LEVANTA-SE, enquanto a mulher permanece dormindo e diri-ge-se ao 1º EMPREGADOR, quase sonambulicamente).
- HOMEM - Bom Dia, meu irmão!



- 1º EMPR - Bom dia!
- HOMEM - Desculpe eu perguntá, mas qual é sua graça?
- 1º EMPR - O que ?
- HOMEM - Sua graça... seu nome...?
- 1º EMPR - Ah, sim, Francisco!
- HOMEM - Hum... E o senhor trabalha aqui, "seu" Chico?
- 1º EMPR - (ABORRECIDO) O dia inteiro.
- HOMEM - E o que é que o senhor tanto faz? Tá aprantando alguma legume?
- 1º EMPR - Claro que não, meu amigo.(ORGULHOSO) Aqui nós semeamos o progresso!
- HOMEM - (FINGINDO ENTENDER) Hum... (CALCULISTA) E a quanto - sai a cuita dessas sementes, hem?
- 1º EMPR - Mas que "semente"? Eu usei a palavra "semente" no sentido metafórico, entende?
- HOMEM - (SEM ENTENDER NADA, DESCONFIADO) ... tô entendendo... (PAUSA) O sinhô tem muita gente trabalhando aqui?
- 1º EMPR - Um verdadeiro exército!
- HOMEM - Será que eu podia sentar praça também, hem?
- 1º EMPR - Puxa, o senhor parece nunca entender minhas imagens.
- HOMEM - O sinhô num bote reparo, não, mas imagem eu só entendo das de~santo mesmo. Mas o que eu queria saber era se - tinha alguma vaguinha prá mim aqui.
- 1º EMPR - Depende... O que é que o senhor sabe fazer?
- HOMEM - Tudo que dois braço forte e um coração honesto pode,- meu fio.
- 1º EMPR - Ótimo! Justamente o que precisávamos: gente honesta! - (NOUTRO TOM) O senhor tem alguma experiência pré-labo-rem?
- HOMEM - (NO MESMO TOM) Até agora não, meu irmão. Mas por via - das dúvidas, posso me avaciná, né? Essas coisas pegam com o vento ...
- 1º EMPR - O amigo continua a não me entender: perguntei-lhe se - por acaso o senhor já trabalhou em construção alguma - vez em sua vida.
- HOMEM - Hôme, ' a única coisa que eu já construí em minha vida fôï o barraco onde eu morava, lá no sertão.
- 1º EMPR - Meu amigo, estou desolado! mas infelizmente só aceita- mos gente com experiência no ramo!
- HOMEM - Mas eu posso aprender, eu...
- 1º EMPR - Lamento. Nosso lema é: "Mão-de-obra só especializada".
- (CORTE NA LUZ. FOCO INCIDENTE SOBRE O 2º EMPREGADOR).



HOMEM - (DIRIGINDO-SE AO 2º EMPREGADOR) Eu...

2º EMPR - (CORBANTE) Não há vaga...

(APAGA-SE O FOCO. OUTRO SÔBRE O 3º EMPREGADOR)

HOMEM - (HUMILDE) Pelo amor de Deus me arranje um trabalho...
Veja só como eu ando derrotado. Espie só prêsse roupa e
e vigie como eu ando naufragado.

3º EMPR - (INDIFERENTE) O senhor sabe ler?

HOMEM - Assino meu nome.

3º EMPR - Não serve!

(IDÊNTICO JÔGO DE LUZ ATÉ O FIM DO DIÁLOGO).

HOMEM - (AO 4º EMPREGADOR) Tem algum trabalho prá mim, meu patrão?

4º EMPR - É sindicalizado?

HOMEM - Num sei nem o que é isso...

4º EMPR - Sem ser sindicalizado, não aceitamos!

HOMEM - (AO 5º EMPREGADOR) Meu patrão...

5º EMPR - Tem carteira profissional?

HOMEM - Não... eu...

5º EMPR - Não pode!

HOMEM - Mas, eu preciso trabalhá...

1º EMPR - Não há vaga.

HOMEM - Eu tenho muié e fio...

2º EMPR - Não serve!

HOMEM - Eu tô passando fome...

3º EMPR - Mão-de-obra só especializada....

4º EMPR - Sabe ler?

5º EMPR - É sindicalizado?

2º EMPR - Escrevê?

3º EMPR - Tem algum diploma?

4º EMPR - É especialista?

5º EMPR - Tem experiênciã no ramo?

HOMEM - (GRITANDO) Não! Sou simplesmente um Homem! Simplesmente
um Homem...

(CORTE NA LUZ. POCO CENTRAL. HOMEM ESTARÁ EM CENA, SENTADO NO CHÃO)

C A F Ç A O N 4



CANÇÃO Nº 4

VOZES DA SÊCA

Luiz Gonzaga

Mas "doutô" uma esmola
a um homem que é sã
ou lhe mata de vergonha
ou vicia um cidadão

É por isso que pedimos
proteção a "Vozicê"
Homem por nós escolhido
Para as rédeas do poder.

"Seu dôto" dos vinte estados
Temos oito sem chover
Veja bem quase a metade
do Brasil "tá" sem comer

Dê serviço ao nosso povo
Dê usina e barragens
Dê comida e preço bom
Não esqueça a ajudagem

Livre assim "nós" da esmola
que no fim dessa estiagem
lhe pagamos até os juros
Sem gastar nessa coragem

"Se doutô" os nordestinos
Têm muita gratidão
pelo auxílio dos sulinos
Nessa sêca do sertão.

(repete a 1ª estrofe)



CORAL (PORTE) " Mas doutô, uma escola
A um homem que é são
Ou lhe mata de vergonha
Ou vicia um cidadão!"

(APAGAM-SE AS LUZES EM RESISTÊNCIA. NO ESCURO, O VIOLÃO SOLA AINDA OS ÚLTIMOS ACORDES DA MELODIA).

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

2º QUADRO

(HOMEM E A MULHER ESTARÃO " ARRACHADOS" NUMA RUA QUALQUER DA CIDA-
DE).

MULHER - Vê só, o lugar que tu fôsse arrumar modo nós se arran-
chá...
HOMEM - Que é que tem ?
MULHER - Nada... Mas eu fico tôda envergonhada.
HOMEM - Vergonha em pobre é luxo.
MULHER - ... êsse povo tá todo passando e espiando prá nós...
HOMEM - E prá onde é que tu queria que êles espiasse ?
MULHER - Sei lá... Mas num deixo de ficar imaginando o que diabo
num tarão pensando da gente.
HOMEM - Besteira! Êles nem ligam, já tão acostumado cum retiran-
te...
MULHER - Aposto que êles ligam..
HOMEM - Ô bicho teimoso só é mulé. Pois tá certo: vamos beá-
biá o que êles dizem, modo tu vê que êles nem imaginam
na gente.

(ENTRAM A 1ª E A 2ª DONAS DE CASA. VÊM FALANDO ACALORADAMENTE COM
A AFETAÇÃO TÍPICA DA GRANFINAGEM CIDADINA).

1ª DONA - Pois é, meu bem, um horror...
2ª DONA - Nem me diga! É o fim do mundo!
1ª DONA - Imagine você, daqui uns cinco anos, não se pode mais com-
prar um "Kelson Dior" legítimo!
2ª DONA - Ah, êsses falsificadores!

(PARAM ADMIRADAS AO NOTAREM OS RETIRANTES)

1ª DONA - Veja só, querida?
2ª DONA - O quê?
1ª DONA - A prefeitura vem uma coisa dessas e não tomar providên-
cias! É uma vergonha!
2ª DONA - Hoje já não se pode sair às ruas, que é um perigo. Não
se sabe quem são essas pessoas... podem ser até ladrões.



- 1ª DONA - Ih! Fico arrepiada só de pensar nisso. Além do mais, como enfeiam a cidade!
- 2ª DONA - Pois é. Essas pessoas parecem não terem a mínima noção de higiene e nutrição. Imagine você que um dia desses eu vi com os meus próprios olhos, um deles tirando restos de uma lata de lixo, para comer.
- 1ª DONA - (ADMIRADÍSSIMA) Que ignorância, meu Deus? (NOUTRO TOM)- E já notou como se vestem mal? (SAEM AINDA A CONVERSAR)



CANÇÃO Nº 5

AS VIGILANTES

Letra de : Luiz Maia
Música de : Toinho Alves

Que tão firmosas ~~senhoras~~
senhoras
duquesas de bons
duques
uma casou com
uma fábrica
outra com secos
e molhados

Estão atentas
vigilantes
à pobreza
da cidade
'té fazem
filantropia
pelos chás
de caridade

Numa drástica
plástica
vão cortar
o adiposo
e ganhar
um nariz nôvo
o que há de
mais formoso

P'ra que os homens
as cobicem
se espera que
sem proveito
e as inimigas
íntimas
se esteurem
de despeito.



CANÇÃO Nº 6
NÃO É SOPA, NÃO

Letra de : Luiz Maia
Música de: Tionho Alves

Doutorzinho
o sr. estuda
em grossos
livros talvez
o sr. queima
as pestana
vai ver que até
lê chinês

Me acredite
se quiser
não digo
com presunção
mas morar
aonde eu moro
não é sopa
não

Talvés sua
teoria
lhe pareça
mas venha
pisar na lama
venha sentir
a dureza

Desta vida
de alto morro
banho em lata
ou chafariz
pegue então
sua caneta
e bote os pontos n
nos iis.



CORAL (CANTA)

CANÇÃO Nº 5

(ENTRAM DOIS ESTUDANTES)

1º ESTUD - Qual foi o ponto que caiu?

2º ESTUD - Foi "o problema da habitação como fator de bem-estar social". Foi só!

(DURANTE O DIALOGO, PASSAM INDETERMINADOS AOS RESTAURANTES)

CORAL - (CANTA)

CANÇÃO Nº 6

(ENTRAM O PADRE E O REPÓRTER, QUE O ACOMPANHA)

REPÓRTER - Reverendo, um minuto só. É a última pergunta.

PADRE - Que seja! O senhor sabe que o tempo de um ministro de Deus é preciosíssimo.

REPÓRTER - Reverendo, qual a sua filosofia de vida?

PADRE - Minha filosofia de vida? - A mesma do Divino Mestre. (ENFÁTICO) Amar a Deus sobre todas as coisas, e ao próximo (PONTA DISTRAIDAMENTE OS RESTAURANTES) como a ti mesmo.

MULHER - (AO PADRE) Uma esmolinha pelo amor de Deus!

PADRE - (CONTRAFEITO) Não tenho trocado agora, não! (AO REPÓRTER) Como o senhor entenderá, o amor ao próximo é como uma fonte de eterna beleza.... (SAM).

CORAL (CANTA)

CANÇÃO Nº 7



CANÇÃO Nº 7

REVERENDO

Letra de : Luis Maia

Música de : Toinho Alves

Reverendo
reverendo
veja o que anda
a fazer
lindas palavras
na boca
e outra coisa
a proceder

Não fica bem
reverendo
o sr. negar
esmola
esmola eu sei
não resolve
mas que vou
comer agora?

Jesus andou
pelo mundo
muito deve
ter andado
não sei se
pediu esmola
nem sei se foi recusado

Mas saiba
seu reverendo
que esmola
recusada
a um pobre
irmão de Cristo
é a Cristo
que é negada.



(ENQUANTO DURA A MÚSICA, ENTRA UM FUNCIONÁRIO DA PREFEITURA, COM UNS DIZERES ÀS COSTAS QUE LHE INDICAM A PROFISSÃO, VEM COM UMA - PLACA DEBAIXÓ DO BRAÇO, DE MANEIRA A NÃO PODER SER LIDA IMEDIATAMENTE PELO PÚBLICO).

(FUNCIONÁRIO ENTRA SILENCIOSO E AFINA A PLACA AO LADO DOS RETI- / RANTES. CONSERTA-LHE A POSIÇÃO, ADMIRANDO-A DE QUANDO EM VEZ COMO A UMA OBRA DE ARTE).

HOMEM -- Que má pergunte, qué qui tem escrito aí, meu fio?
FUNCION -- "MANTENHA LIMPA SUA CIDADE".

(OHOMEM E A MULHER OLHAM SILENCIOSAMENTE PARA A PLACA. INVADE-OS UMA TRISTEZA INFINITA. A MULHER? SEM UMA PALAVRA COMEÇA A ARRUMAR OS "TERENS". ESTA CENA SERÁ PROPOSITADAMENTE LONGA E SILENCIOSA. APÓS, CADA UM CARRREGANDO PARTE DES SEUS HAVERES, RETIRAM-SE CABES BAIXOS).

(APAGAM-SE AS LUZES EM RESITÊNCIA)

- - - - -

CANÇÃO Nº 8

O MAR

Dorival Cayami

O mar quando quebra na praia
É bonito...
É bonito...
O mar!
Pescador quando sai
nunca sabe se volta
nem sabe se fica
quanta gente perdeu
seus maridos
seus filhos
nas ondas do mar

O mar
quando quebra na praia
É bonito...
É bonito...!

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fones: 226 0242 - CEP 90020-025



3ª PARTE

O Mar

ABERTURA

CORAL (CANTA)

CANÇÃO 8

1ª QUADRO

- MULHER - (ADMIRADA) Joca, o que é isso, Joca?
HOMEM - Num é o má, não é?!...
MULHER - T'arrenego! E num tem parede não é?
HOMEM - Prá que? Isso nunca esborrota...
MULHER - Benze-o Deus! O pove diz que Deus criou o mundo em se-
te dias, mas eu tem prá mim que ôsse agudão num tava
na impleitada, não. (NOUSRO TOM) E de que é que o -
pescá daqui vive, hom?
HOMEM - De pescar, ci...
MULHER - E dá?
HOMEM - Hôme, deve/ ser melhor do que estruir semente em terre-
rã ruim como lá no norte.
MULHER - É... Será que tu num podia também pescar com ôles, -
não, Joca?
HOMEM - Sei lá... Isso (INDICA O MAR) pode ser do govêrno.
MULHER - Vai vê que é. Laranja madura em beira de estrada, ou
é asêda ou tem marimbondo.
HOMEM - Mes mesmo assim vou falá com os hôme daqui, prá vê o
que arrumo.
MULHER - É, bora. De qualquer jeito a gente não tem maos prá -
ônde se desgraçar... já tô tôda banida!
HOMEM - Eu também tô cisma Louba desesperada!



(ENTRAM OS PESCADORES E POSTAM-SE NA EXTREMIDADE OPOSTA DO PALCO, UM DELES TRAZ UM VIOLÃO E COMEÇA A DEDILHAR UNS ACORDES).

- MULHER - Ôia, parece que tem cantoria por ali.
- HOMEM - Tu qué ir até lá?
- MULHER - Sei não...
- HOMEM - Talvez nós pudesse falá cum os Hôme daqui, né, mode ver e se nós arranja ~~ei~~ trabalho.
- MULHER - Então, bora.
- HOMEM - (AO PRIMEIRO PESCADOR) Boa noite, meu irmão.
- 1º PESCO - Boa noite.
- HOMEM - Nós viemu falá cum vocês, mode ver se vocês arrumam um - trabalho prá gente.
- 1º PESCO - O cumpade pelo jeito, parece ser do sertão.
- HOMEM - É de lá mesmo que venho.
- 1º PESCO - E que veio fazer nestas bandas?
- HOMEM - Vim fugindo, meu irmão.
- 1º PESCO - Fugindo de que? se dizer não lhe amofina...
- HOMEM - Não há vergonha em passar fome. Vim fugindo da miséria.
- 1º PESCO - E como é que o cumpade atinpu com isso aqui?
- HOMEM - É muito simples, meá irmão. Chega o dia em que não se - pede tem mais camim' prá caminhar.
- 1º PESCO - Mas, mesmo assim, o que pensa o senhor aqui fazer?
- HOMEM - Trabalhar, viver que nêem gente.
- 1º PESCO - Pois veio ao lugar errado. Aqui não acaba a miséria, sò- mente começa o mar.
- HOMEM - Mas em lugar tão bonito, como pode haver miséria? Com tanto verde pintado pelas fôlhas dos coquiros, como se pode passar fome? Côr de fome é cinzento, que nem mato no sertão.
- 1º PESCO - Cumpade, a miséria é a mesma onde quer que o pobrey vá.
- HOMEM - Mas o mar tem tanto peixe...
- 1º PESCO - ... que é preciso pescar! E é aí que começa nossa sina... Há sempre uma noite em que o barco não volta... Cada um de nós tem uma noite dessas roendo por dentro, querendo saltar prá fora.
- HOMEM - Mas ao menos aqui vocês morrem como homens. E enquanto essa noite hão chega, ainda se tem esperança. No sertão é diferente. a gente morre tôda hora do dia, no meio do sono da noite e é morte demorada, se alguém não vem - apressar.
- 1º PESCO - Pois se o cumpade não tem mêdo, já arrumou um trabalho.
- HOMEM - Vocês estão de saída?
- 1º PESCO - Antes de clarear
- HOMEM - (RESOLUTO) Eu vou com vocês.
- MULHER - (CHAMANDO-@ À PARTE) Oh, Joca
- HOMEM - (VEXADO) Que é?



- MULHER - Vai não, Joca. Eu tô cum medo.
- HOMEM - Depois deixa de sê medrosa, que se esse pessoa ir, prague é que eu num posso. Será que eu sou mais frouxo do que âles?
- MULHER - Hum é isso, não. É prague tu nunca andasse no má. Depois tu cai dentro d'água, ei...
- HOMEM - Num agora, Zefa.
- MULHER - Tô agorando, não. Tô é cum medo.
- 2ª PESS - Tem de que não, dona. Nós tomamos conta dele.
- (VIOLÃO COMEÇA A SOLAR O CANOEIRO. CORAL CANTA, ENQUANTO SE ESTABELECE O SEGUINTE DIÁLOGO)
- MULHER - Joca! (PROJETA AS MÃOS EM SUA DIREÇÃO).
- HOMEM - Que é?
- MULHER - (DOMINANDO-SE) Nada...

C A N Ç Ã O nº 3

(ARRASTAM-SE AS REDES, DESFRALDAM-SE AS VELAS, E EM MEIO À ANIMAÇÃO GERAL, RETIRAM-SE TODOS, EXCETO A MULHER, QUE VEM ATÉ O PRÓCÊNIO E OLHA ANGUSTIADA A "PARTIDA", DESPEDINDO-SE DOS QUE PARTEM COM UM LEVE ACENO. EM SEGUIDA VOLTA LENTAMENTE, SENTANDO-SE SOBRE OS JOELHOS. ENTRA MÚSICA Nº 10, ENQUANTO A LUZ CAI EM RESISTÊNCIA, REACENDENDO EM SEGUIDA).



CANÇÃO Nº 9

O CANOEIRO

Dorival Caymmi

O canoeiro bota a rêde,
bota rêde no mar
O canoëiro bota a rêde no mar
Cerca o peixe, bate o remo
Puxa a corda, co'he a rêde
O canoeiro puxa a rêde do mar
O canoeiro puxa a rêde do mar.

Vai ter presente p'ra Chiquinha
Ter presente p'ra Iaiá
O canoeiro puxa a rêde do mar.

(bis)

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90029-025



MULHER - (À PRIMEIRA) Já fiz tudo prá me aquetá em casa, minha filha, mas não tem jeito. Minha natureza só pede p'rou vim aqui prá praia.

(CORTE)

1ª MULHER - (PARA A MULHER) O mar tem muitas manhas. às vezes tá calmo que é uma beleza, mas quando menos se espera, fica todo coberto de nuvens; o vento sopra com tanta força que chega derrubar os coqueiros; As ondas parecem montanhas... Pescador que escapa de um pé de vento d'esses, conta coisa de arrepiar os cabelos!

(CORTE)

MULHER - Quem?

1ª MULHER - Chico! O barco d'ele não chegou mais os outros!

(CORTE)

MULHER - (SONHADORA) Ter uma casa com um rogado atrás... Poder criar os filhos nessegado...

(CORTE)

MULHER - Nem tem jeito deu me acostumá. Hoje mais do que nunca enquanto o barco d'ele num aparecer ale adonde e cáu emboca dentro do mar, eu num me arretiro!!!

(AS LUZES RECOMEÇAM A ADQUIRIR SUA PRIMITIVA INTENSIDADE. OS PESCADORES VOLTAM. COMEÇAM A ENTRAR EM CENA CABEBAIXOS, VERGADOS SOB O PESO DAS REDES MOLHADAS. O CORAL CANTA UM CRESCENDO ARREBATADO A 2ª PARTE DA "SUITE DOS PESCADORES". MULHER LEVANTA-SE ALEGREMENTE E PROCURA ANSIOSA ENTRE OS PESCADORES. POR FIM, VAI TOMANDO CONSCIÊNCIA DA REALIDADE. LANÇA UM OLHAR ENTRE INCRÉDULO E ESPERANÇOSO A CADA UM DÊLES, COMO SE ESPERASSE VER A VERDADE DOS SEUS OLHOS)

MULHER - (ANGUSTIADA) Onde está êle, Meu Deus, onde!!!??
(AVANÇA PARA OS PESCADORES, NUM GRITO ROUCO) Não! Fiquem calados. Num digam nada. Eu num quero ouvi o que vocês vão dizê, eu num quero!

(CORTE NA LUZ. RESCENDEM QUASE Imediatamente. PESCADORES COMPORÃO AJUNTAMENTO À PARTE. CANTAM).

MULHER - (ENQUANTO ÊLES CANTAM)
Prá que Deus fêz esse mundo?!
Fêz a terra, os mato, os rio, e o home num pode viver nela. Fêz esse má tão grande que parece num té fim, para o home morrer dentro d'ele!

- Fêz as cidade, bonita, tão enfeitadas, para o hōme
mōrre de fome nelai

Talvez seja melhor morrer mesmo.

Merme que num haja Cōu nea Inferno, Bem ou Mal.

Prêmio ou Castigo.... merme que num tenha nada...
nada...

Sō a morte

Sō o tempo

Sō o esquecimento...

PESCADORES (FORTE) " Uma incalença no Paraíso

E

Adeus irmã, adeus,

CORAL

Até dia de Juízo..."

(TEMA DA CANÇÃO Nº 10. PESCADORES LEVANTAM-SE LENTAMENTE, CANTANDO,
E SE RETIRAM. O JÚRICO DÊLES VAI À MULHER E DEPOSITA AO SEU LADO O
SAMBURÁ DA CENA ANTERIOR, RETIRANDO-SE EM SEQUIDA. MULHER FITA O SAM-
BURÁ LONGAMENTE, TOMA-O NAS MÃOS E ERGUE-SE ESTREITANDO CONTRA SE
CORPO. DANDO ÀS COSTAS AO PÚBLICO E SAI PELA S.A. A PRINCÍPIO VAGA
ROSAMENTE E DEPOIS RESOLUTA. PESCADORES CONTINUAM A CANTAR NOS BAS-
TIDORES ENQUANTO

BAIXA A LUZ EM RESISTÊNCIA.



SUITE DOS PESCADORES

Dorival Caymi

Minha jangada vai sair p'ro mar
Vou trabalhar meu bem querer
Se Deus quizer quando eu voltar do mar
Um peixe bom eu vou trazer
Meus companheiros também vão voltar
E a Deus do céu vamos agradecer

Pedro, Chico, Lino Zeca
Cadê vocês, oh! Mãe de Deus
Eu bem que disse a José
Não vá José, não vá José, meu Deus!
Com um tempo desses não se sai
Quem vai p'ro mar
Quem vai p'ro mar
Não vem ;



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025